

## UMA PROPOSTA PARA A SEMÂNTICA DOS ADJUNTOS 'EM X TEMPO' E 'POR X TEMPO'

Renato Miguel BASSO\*

- RESUMO: O presente artigo propõe uma semântica para os adjuntos temporais 'em X tempo' e 'por X tempo' que não os trata como selecionadores de eventos, mas sim como atuando nos pontos delimitadores dos eventos (finais e iniciais). Antes de chegar à nossa proposta, apresentamos uma bateria de exemplos, muitos dos quais ignorados pela literatura que uma teoria desses adjuntos deveria dar conta. A seguir, caracterizamos a abordagem mais comum sobre esses adjuntos, que chamamos de concepção homo-heterogênea, e que trata os adjuntos como selecionadores de tipos de eventos (atéticos e téticos). Mostramos que a concepção homo-heterogênea não dá conta dos casos analisados e leva a predições incorretas. Por fim, apresentamos nossa proposta segundo a qual 'em X tempo' pressupõe um ponto final e 'por X tempo' introduz um ponto de focalização associado ao evento a que se aplica. A proposta aqui avançada dá conta da bateria de exemplos analisada e pode ser estendida para dar conta dos tempos futuros.
- PALAVRAS-CHAVE: Telicidade. Detelicização. Aspecto verbal.ACIONALIDADE. Adjuntos temporais.

### Introdução

O estudo dos fenômenos tempo-aspectuais sempre levou em conta a morfologia do verbo, o lexema verbal, e características semânticas dos seus argumentos, como sua quantificação e o estatuto massa *vs.* contável. Ao lado dessas propriedades mais "internas" ao verbo, os adjuntos temporais também desempenham um papel fundamental nesses estudos, funcionando como ferramentas para a identificação de propriedades dos eventos, como, por exemplo, o valor tético *vs.* atético ou o durativo *vs.* o não durativo.

Vendler (1967), por exemplo, em sua análise dos verbos em inglês, utilizou sistematicamente o equivalente em inglês dos adjuntos 'em X tempo' e 'por X tempo' ('X tempo' está por uma medida qualquer de tempo) para embasar suas distinções entre eventos, que atualmente conhecemos como "classes aspectuais", "aspecto lexical" ou ainda "classes acionais". Na caracterização de Vendler

---

\* UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação da Expressão. Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-900 – rmbasso@gmail.com

(1967), esses adjuntos eram responsáveis pela distinção entre *accomplishments* ('desenhar um círculo') e *achievements* ('chegar (em casa)'), de um lado, compatíveis apenas com 'em X tempo', e atividades ('correr') e estativos ('estar com dor de cabeça'), do outro, compatíveis apenas com 'por X tempo'.

No "time schemata" que Vendler (1967, p.101) associa às atividades e aos estativos encontramos a ideia de homogeneidade, segundo a qual, em um evento do tipo atividade como o denotado pelo predicado 'correr' ou um estativo como 'estar com dor de cabeça', "*any part of the process is of the same nature as the whole*". O mesmo não acontece no caso de *accomplishments* ou *achievements* que são, por oposição, heterogêneos, ou seja, não são compostos por partes iguais. Ora, se os adjuntos 'em' e 'por X tempo' são responsáveis pela distinção dessas quatro classes acionais em dois grupos, é justamente porque eles têm propriedades seletivas: 'em X tempo' só se combina com eventos heterogêneos, e 'por X tempo', só com homogêneos. Chamaremos essa caracterização dos adjuntos, que apela à heterogeneidade e à homogeneidade, de concepção homo-heterogênea, ou CHH.

Se tudo o que tivéssemos a dizer sobre esses adjuntos fosse isso, não teríamos conseguido sair de um nível descritivo, cujo poder de previsão se encerra em dizer que uns se combinam com eventos télicos (heterogêneos), outros com atélicos (homogêneos). De 1967 em diante, muitos outros trabalhos sobre o domínio tempo-aspectual foram desenvolvidos, e há muitas teorias que se assentam sobre pressupostos diferentes. Apesar disso, a intuição por trás do papel desempenhado por 'em' e 'por X tempo' parece não haver mudado, e, mesmo ancorados em quadros teóricos distintos, esses adjuntos continuam a ser a contraparte da heterogeneidade e da homogeneidade – não saímos da CHH, que é endossada por Dowty (1979), Verkuyl (1972, 1982, 1993), Zucchi (1998), De Swart (1998), Rothstein (2004) e outros.

O objetivo deste artigo é avaliar a adequação empírica da CHH, e tal objetivo pode ser alcançado ao investigarmos duas questões: (i) as previsões que a CHH pode fazer são comprovadas empiricamente?; além disso, há muito mais contextos de uso para esses adjuntos do que a literatura normalmente considera, (ii) esses contextos podem ser acomodados na CHH ou em alguma teoria mais sofisticada dela advinda?

Ao longo deste texto, exploraremos, na seção intitulada "Onde são encontrados e como são interpretados 'em' e 'por X tempo'?", alguns dos contextos em que podemos encontrar esses adjuntos, muitos dos quais não são levados em conta pela literatura tempo-aspectual, mas que devem ser tratados por qualquer teoria que tenha como objetivo uma semântica para os adjuntos 'em' e 'por X tempo'. Na seção "Uma versão da CHH", consideraremos o trabalho de Rothstein (2004) como um exemplo sofisticado da CHH. A escolha de tal trabalho se justifica na medida em que ela segue de perto as ideias de autores como Vendler (1967) e

Dowty (1979) sobre o papel dos adjuntos, porém inserida numa semântica de eventos (DAVIDSON, 1980; PARSONS, 1990). Avaliaremos como a proposta de Rothstein (2004) lida com os exemplos arrolados na seção “Onde são encontrados e como são interpretados ‘em’ e ‘por X tempo’?” com o intuito de mostrar que a CHH não dá conta de nossas interpretações para tais contextos. Na seção “Uma nova proposta para os adjuntos”, apresentaremos um esboço de teoria sobre esses adjuntos que difere em sua intuição da CHH e que pode dar conta dos casos descritos na seção “Onde são encontrados e como são interpretados ‘em’ e ‘por X tempo’?”, integrando uma semântica diferenciada para os adjuntos e princípios pragmáticos da teoria de implicatura conversacional generalizada (GRICE, 1975; LEVINSON, 2000). A proposta feita aqui será também ampliada para abarcar o futuro na seção “Futuro e os adjuntos ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’”. Por fim, na “Conclusão” faremos um balanço das duas concepções.

### **Onde são encontrados e como são interpretados ‘em’ e ‘por X tempo’?**

Ao considerar os adjuntos em questão, a grande maioria dos autores<sup>1</sup> se concentra em exemplos que têm as seguintes estruturas esquemáticas: (i) télico<sup>2</sup> + em X tempo; e (ii) atélico<sup>3</sup> + por X tempo. Alguns reconhecem a estrutura (iii) télico + por X tempo, porém a condicionam a alguma manobra que envolva coerção ou mudança aspectual, como mostraremos adiante. Esses adjuntos, contudo, podem aparecer em muitas outras estruturas.

Se levarmos em conta as 4 classes vendlerianas, os aspectos perfectivo e imperfectivo e os dois adjuntos, chegaremos a um total de 16 estruturas ou combinações (sem levar em conta a referência temporal). Seria extremamente desejável para qualquer teoria sobre os adjuntos ‘em’ e ‘por X tempo’ que ela desse conta (pelo menos) da interpretação que temos dessas 16 combinações sob pena de termos uma teoria parcial desses adjuntos. Isso significa dizer que tal teoria deve prever (e explicar) o comportamento dos adjuntos quando combinados com o aspecto e a classe acional. Dado que a relação desses adjuntos com a (a)telicidade e o aspecto é bastante estreita, para investigá-los devemos ser explícitos quanto às concepções de telicidade e aspecto a serem usadas.

Sobre a telicidade, a tese que adotamos não difere do que é comumente aceito na literatura, e, segundo tal tese, um evento télico é aquele que não tem partes próprias, ou seja, télico é todo evento que está na extensão do predicado P cujas partes próprias não estão na extensão do predicado P. Assim sendo, se tomarmos

---

<sup>1</sup> Por exemplo, De Swart (1998), Zucchi (1998), Krifka (1998), Rothstein (2004), entre muitos outros.

<sup>2</sup> Eventos que têm um ponto final natural, como ‘pintar o quadro’.

<sup>3</sup> Eventos que não têm um ponto final natural, como ‘correr’, ‘passear’.

o evento de 'ler o livro', nenhuma parte própria sua será 'ler o livro', mas sim ler partes ou pedaços do livro. Ao lado dessa ideia comum, acrescentamos mais uma: trata-se da "reificação do *telos*", ou seja, tético é todo e qualquer evento sobre o qual é possível/faz sentido falar de um seu *telos* ou ponto final ou ainda culminação<sup>4</sup>. A reificação significa dizer que podemos tomar o *telos* como sendo alvo de algum tipo de operação e/ou predicação. Basicamente, sempre que falamos algo como 'Eu assisti o fim da corrida' ou 'João chegou ao fim da leitura do livro' estamos falando explicitamente sobre o *telos*.<sup>5</sup>

Com relação ao aspecto perfectivo e imperfectivo<sup>6</sup>, propomos uma interpretação segundo a qual o perfectivo indica que um dado evento não está em andamento em relação a um momento de referência:

(1) João leu o livro.

Nessa proposta para o perfectivo, uma sentença como (1) não indica necessariamente que João leu o livro até o fim, mas simplesmente que ele não está mais lendo o livro, i.e., que o evento reportado em (1) cessou ou não é mais o caso (BASSO, 2007a, 2007b; OLIVEIRA; BASSO, 2011).

Por sua vez, para o imperfectivo, propomos que ele diz, com relação a um momento de referência, que o evento ainda é o caso, mas não especifica se o evento continua ou não para além desse momento de referência, i.e., não sabemos, a partir de (2) abaixo, se 'João ler o livro' num tempo t posterior ao da enunciação de (2) ainda é o caso, mas indica que, tendo como parâmetro um outro momento, o momento de referência, é o caso que o evento transborda esse momento:<sup>7</sup>

(2) João estava lendo o livro.

Com isso em mente, apresentamos nas tabelas 1 e 2 abaixo as combinações a serem analisadas. Nas tabelas, o símbolo "#" indicada simplesmente que a literatura não considera ou considera marginalmente tal combinação e não inaceitabilidade ou agramaticalidade; o "t" indica telicidade, o "d" duratividade, o "i" imperfectivo e o "p" perfectivo; na última coluna à direita sugerimos as interpretações que serão discutidas logo abaixo:

---

<sup>4</sup> A possibilidade de reificação também ocorre com o ponto inicial de um evento; ele também pode ser alvo de predicação, pensa-se em um verbo como 'começar', por exemplo. Conforme veremos mais adiante, nossa proposta é de que os adjuntos em questão, de algum modo, atuam sobre esses pontos.

<sup>5</sup> Quando se trata de eventos atéticos, não é possível falar de pontos finais: ? 'João passou até o fim'.

<sup>6</sup> Em português brasileiro, canonicamente, o aspecto perfectivo é representado pelo morfema do pretérito perfeito, e o aspecto imperfectivo pelo morfema do pretérito imperfeito e pela perífrase progressiva.

<sup>7</sup> Essa leitura do que vem a ser perfectividade e imperfectividade é compatível com a proposta de Klein (1994), comumente aceita na literatura.

**Tabela 1** – Combinações formadas a partir de ‘em X tempo’.

‘em X tempo’			
	imperfectivo	t d	interpretação
(1i)	# João estava dando a volta no quarteirão em 10 minutos.	+ +	habitual / genérica
(2i)	# João estava ganhando a corrida em 35 minutos <sup>8</sup> .	+ -	habitual / genérica
(3i)	# João estava correndo em 1 hora.	- +	habitual / genérica
(4i)	# João estava tendo dor de cabeça em 10 minutos.	- +	habitual / genérica
	perfectivo	t d	interpretação
(1p)	João construiu a casa em 1 ano.	+ +	télica
(2p)	João ganhou a corrida em 35 minutos.	+ -	télica
(3p)	# João correu em 1 hora.	- +	incoativa
(4p)	# João teve dor de cabeça em 10 minutos.	- +	incoativa

**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 2** – Combinações formadas a partir de ‘por X tempo’.

‘por X tempo’			
	imperfectivo	t d	interpretação
(5i)	# João estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos.	+ +	ponto de focalização
(6i)	# João estava ganhando a corrida por 35 minutos.	+ -	ponto de focalização
(7i)	# João estava correndo por 1 hora.	- +	ponto de focalização
(8i)	# João estava tendo dor de cabeça por 10 minutos.	- +	ponto de focalização

<sup>8</sup> Os *achievements* são conhecidos por terem *fases preparatórias* que levam à culminação. Neste texto, como representante dos *achievements*, utilizaremos ‘ganhar a corrida’, mas muitas vezes estaremos, na verdade, falando de sua fase preparatória, algo como ‘liderar a corrida’. De uma forma ou de outra, sentenças como (3i) só podem ser interpretadas não-referencialmente (como repetição ou hábito); se esse não for o caso, temos uma sentença estranha, como ? ‘João estava morrendo em 35 minutos’, nesta sentença o evento de morrer não pode ser interpretado como hábito e/ou repetição. Tudo isso para dizer que, na verdade, ao tratarmos de *achievements*, em geral, estaremos considerando sua fase preparatória, o que os aproxima em muito dos *accomplishments*.

	perfectivo	t d	interpretação
(5p) # João construiu a casa por 1 ano.		+ +	detelicização
(6p) # João ganhou a corrida por 35 minutos.		+ -	detelicização
(7p) João correu por 1 hora.		- +	duração do evento
(8p) João teve dor de cabeça por 10 minutos.		- +	duração do evento

**Fonte:** Elaboração própria.

O imperfectivo é massivamente ignorado pela literatura quando se trata dos adjuntos em questão. O perfectivo, por sua vez, para o caso dos adjuntos ‘em’ e ‘por X tempo’, se apresenta como um espelho, com a aceitabilidade dos exemplos invertendo de um adjunto para o outro. Por ora, apresentaremos apenas uma apreciação superficial das interpretações sugeridas<sup>9</sup>; voltaremos a elas na seção “Uma nova proposta para os adjuntos” com o intuito de explicá-las.

Quando combinado com eventos imperfectivos, de qualquer classe acional, ‘em X tempo’ gera uma interpretação de hábito, genérica ou ainda de capacidade. Uma interpretação possível para (1i) seria que João tem a capacidade de fazer algo em 10 minutos, no caso, dar a volta no quarteirão. Num contexto em que sabemos, por exemplo, que João, depois de um acidente, está realizando sessões de fisioterapia para voltar a caminhar normalmente, que um dos exercícios era justamente dar a volta no quarteirão, e que, subitamente, ele teve uma recaída, a sentença (1i) soa perfeitamente bem. Na verdade, quaisquer contextos que digam que João teve a capacidade de dar a volta no quarteirão em 10 minutos, mas não tem mais torna a sentença (1i) aceitável. O mesmo pode ser dito de (2i). Num contexto em que João, um piloto experiente de corridas, tinha a capacidade ou habilidade de percorrer um dado circuito em 35 minutos, mas não faz mais isso, a sentença (2i) também é aceitável (com as ressalvas da oitava nota de rodapé). Em ambos os casos, pode-se dizer que estamos diante de leituras não referenciais, i.e., não estamos falando de nenhum (ou de nenhuma realização de um) evento particular<sup>10</sup>. Contextos e interpretações semelhantes podem ser elaborados para (3i) e (4i), com a diferença de que temos interpretações incoativas, conforme descrito no parágrafo abaixo para o caso de (3p) e (4p).

<sup>9</sup> Vale notar que não estamos defendendo que as sentenças das tabelas são todas igualmente boas; muito pelo contrário, algumas delas são ruins e demandam contextos bastante específicos. Mas também nos interessa notar que as interpretações que sugerimos, muitas vezes, são as únicas disponíveis e assim, para termos uma teoria sobre os adjuntos ‘em’ e ‘por X tempo’, devemos explicar a razão de termos apenas tais interpretações.

<sup>10</sup> É importante salientar que a medição feita por ‘em X tempo’ no caso de hábito não se aplica ao hábito, mas sim às instâncias particulares dos eventos.

As sentenças (1p) e (2p) comportam-se conforme prevê a literatura, i.e., tratam de um evento télico, perfectivo, que alcançou seu *telos* ao fim do tempo medido pelo adjunto 'em X tempo'. Por sua vez, as sentenças (3p) e (4p) são aceitáveis somente (i) se uma distância ou um tempo específico for fornecido pelo contexto (i.e., 'correr a maratona'), transformando-os em *accomplishments* e funcionando como (1p) e (2p), ou então (ii) em uma leitura incoativa, i.e., que marca o início de um evento. Para ilustrar a leitura incoativa, tomemos a sentença (4p) na seguinte situação: João detesta reunião da sua empresa, sempre que tem uma reunião ele acaba ficando com dor de cabeça. Na última reunião não foi diferente, depois que a reunião começou, João teve dor de cabeça em 10 minutos. O mesmo vale para a sentença (3p); a interpretação incoativa dessa sentença pode ser melhor vista se considerarmos 'João chegou na academia e correu em 1 hora': a interpretação que sugerimos é que João, *depois* de chegar na academia, *levou* 1 hora para *começar* a correr. Tomando os casos de (1p) a (4p), podemos dizer que 'em X tempo' exige para sua interpretação um ponto que coincida com o final de sua *measure phrase* ('X tempo'); para o caso de eventos télicos, esse ponto é o *telos*, para o caso de eventos atélicos, toma-se a o início do evento como final da *measure phrase*, gerando a interpretação incoativa.

Como resumo do que vimos até agora sobre 'em X tempo', temos:

- a) 'em X tempo' aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) perfectivo → mediação até um ponto que coincida com o final de sua *measure phrase*;
- b) 'em X tempo' aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) imperfectivo → interpretação de hábito / habilidade / genérica.

Com 'por X tempo', quando combinado com eventos no imperfectivo, temos uma interpretação de ponto de referência. A ideia aqui é a seguinte: quando temos uma sentença como (5i), 'João estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos', e a continuamos com qualquer outro evento, por exemplo:

- (3) João estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos, quando ouviu um estouro.

O outro evento introduzido ('quando ouviu um estouro') acontece ou é interpretado como acontecendo no ponto de referência e/ou focalização (no interior do desenvolvimento do evento em questão) introduzido por 'por X tempo', ou seja, com (3), João não ouviu um estouro antes de correr 10 minutos e nem (muito) depois, mas sim ao completar, atingir 10 minutos correndo. É a partir do ponto que marca os '10 minutos' que são então encadeados os eventos subsequentes. O mesmo parece ser o caso para as outras classes acionais, como exemplifica o estativo na sentença: 'João estava tendo dor de cabeça por 10 minutos e finalmente resolveu tomar um remédio'. Diferentemente do que temos

para o caso de ‘em X tempo’, as interpretações aqui são todas referenciais, i.e., referem-se a (realização de) um evento particular que é apresentado em seu transcurso, e o adjunto mede o tempo que o evento transcorreu até o ponto de focalização.

É quando passamos ao perfectivo que notamos a relação especular que ‘por X tempo’ tem com ‘em X tempo’. Começando pelos casos dos eventos atéticos, o que o adjunto em questão faz é marcar a duração de um dado evento, que, por estar representado perfectivamente, já não é mais o caso. Assim, ‘João correu por 10 minutos’ indica que a corrida de João durou 10 minutos. O final da duração da corrida de João também é um ponto de referência. Para uma sequência como ‘João correu por 10 minutos e caiu’, a queda do João aconteceu ao ele alcançar os 10 minutos de corrida (ou logo depois, mas nunca antes).

A combinação de ‘por X tempo’ com evento télico e perfectivo engendra a interpretação que chamaremos de “detelicização”, ou seja, o evento télico ocorreu, não é mais o caso e o seu *telos* não foi necessariamente atingido. É por isso que a interpretação preferencial a ser dada a (5p) nos diz que João não terminou de construir a casa. Os elementos dessa interpretação são complexos e voltaremos a ela com mais vagar na seção 3.

Como resumo do que vimos sobre ‘por X tempo’, temos:

- a) ‘por X tempo’ aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) perfectivo → interpretação de duração (até o final da *measure phrase* do adjunto);
- b) ‘por X tempo’ aplica-se a um evento (de qualquer classe acional) imperfectivo → localização de um ponto de referência ou focalização (medição do tempo que o evento transcorreu até um ponto de focalização, que coincide com a *measure phrase* do adjunto).

Na seção seguinte, avaliaremos como a proposta de Rothstein (2004), representando a CHH, lida com os casos arrolados acima.

## Uma versão da CHH

Rothstein (2004) compartilha da ideia de que a melhor maneira de entender a telicidade é a composicional, ou seja, a telicidade de um evento resulta, de maneira previsível e calculável, das contribuições dos diversos elementos da verbalização de um evento. Sua caracterização da telicidade é compatível com o critério da heterogeneidade, mas Rothstein (2004) postula também que eventos télicos são atômicos e que o resultado da contribuição dos elementos mobilizados



para a composição semântica de um evento é um critério de individualização de eventos atômicos.<sup>11</sup>

Segundo essa autora, o papel de um adjunto como 'em X tempo', por combinar-se única e exclusivamente com eventos télicos (ROTHSTEIN, 2004, p. 177), é ser um revelador de telicidade; sobre sua interpretação, "[...] *intuitively, in □ time assigns a time-frame within which an atomic event took place and thus modifies sets of atomic events.*" Um adjunto como 'em 1 hora' denota (ROTHSTEIN, 2004, p. 178):

$$(4) \quad "[[em 1 hora]] = \lambda P \lambda e. P(e) \wedge \forall e' [e' \in ATOM(P) \otimes \tau(e') \subseteq 1 \text{ HORA}]".$$

Em prosa: 'em uma hora' denota o intervalo de tempo de uma hora que contém (ou é igual a) o conjunto de eventos que constituem as partes de um evento atômico (para um evento  $e$  na extensão de um predicado  $P$  e para todo evento  $e'$ , se ele é um evento contido no predicado atômico  $P$ , então sua função temporal  $\tau$  (uma função que relaciona a progressão de um evento com a sua progressão no tempo) está contida ou é igual a uma hora); a semântica atribuída a 'em X tempo' permite que ele seja aplicado somente a eventos télicos. A caracterização oferecida dá conta naturalmente da interpretação que temos para as sentenças (1p) e (2p).

Contudo, apesar de Rothstein (2004, p.177) afirmar que 'em X tempo' "*modifies sets of atomic events*", ela aventa a possibilidade de combinar esse adjunto com um evento atélico, portanto homogêneo (i.e., não atômico), como nos exemplos (3p) e (4p). Segundo a autora, a contraparte em inglês da sentença (3p), 'João correu em 1 hora', "[...] *is ungrammatical or [...] forces a telic interpretation on the predicate.*" A interpretação télica sugerida por Rothstein (2004) é aquela na qual alguma medida de distância entra em jogo (por algum mecanismo) e o evento em (3p) passa a ser então um *accomplishment* (ou seja, um evento atômico ou heterogêneo), como 'João correu (a maratona) em 1 hora'. Nesse caso, não estaremos diante de um combinação de evento atélico com 'em X tempo', que segundo a autora seria impossível.

No entanto, como vimos acima, há a interpretação incoativa, que, mesmo menos saliente, é possível. A fórmula oferecida por Rothstein (2004) captura essa interpretação? Dado que a fórmula de Rothstein (2004) diz que o adjunto 'em X tempo' mede somente *o tempo de duração* de um evento (para o caso de (3p), do evento de 'correr'), ela não tem como capturar a interpretação incoativa,

---

<sup>11</sup> Levando em conta a definição de eventos heterogêneos (se na extensão de um predicado  $P$  há um evento télico "e", então esse predicado  $P$  não pode se aplicar a nenhuma parte própria desse evento "e"), podemos dizer que a ideia de individualizar um evento atômico relaciona-se com descobrir qual é o predicado  $P$  para um dado evento. Além disso, a atomicidade relaciona-se exclusivamente com a existência ou não de partes próprias de um dado predicado que podem também cair na extensão desse predicado.

segundo a qual o adjunto 'em X tempo' *não mede a duração* de um evento, mas *sim o tempo que levou para seu início*. Na seção 3, veremos como proposta a ser apresentado pode dar conta da interpretação incoativa e como chegamos a ela.

Talvez a caracterização que Rothstein (2004) dá a 'em 1 hora' consiga capturar a interpretação que temos para o ambiente imperfectivo, advogando, por exemplo, que o que provoca uma interpretação não referencial (habitual ou genérica) é o uso do imperfectivo, e não propriamente a contribuição do adjunto. Apesar de Rothstein (2004) não ser explícita sobre como considerar o imperfectivo, imputar ao aspecto as interpretações sugeridas para os exemplos de (1i) a (4i) não parece estar correto, como explicitamos abaixo.

Eventos télicos perfectivos têm, preferencialmente, interpretação referencial, que se mantém com a presença do adjunto em questão:

- (5) Ontem, João lavou o carro. → referencial<sup>12</sup>
- (5') No ano passado, João lavou o carro. → referencial
- (6) Ontem, João lavou o carro em meia hora. → referencial
- (6') No ano passado, João lavou o carro em meia hora. → referencial

Por sua vez, os eventos télicos imperfectivos podem ter uma interpretação referencial ou não referencial<sup>13</sup>, a depender do contexto em que estão ancorados:

- (7) Ontem, João lavava o carro. → referencial
- (7') No ano passado, João lavava o carro. → não referencial<sup>14</sup>

Se o adjunto 'em X tempo' não tivesse relação nenhuma com a propriedade referencial vs. não referencial do imperfectivo, deveríamos esperar que sua combinação com as sentenças (7) e (7') não alterasse sua interpretação com relação à referencialidade. Mas não é esse o caso; vejamos as sentenças abaixo:

- (8) ? Ontem, João lavava o carro em meia hora. → referencial
- (8') No ano passado, João lavava o carro em meia hora. → não referencial

---

<sup>12</sup> Dissemos preferencialmente referencial, porque é possível combinar o perfectivo de tal forma que a interpretação gerada é não referencial. Por exemplo: 'No ano passado, João lavou o carro toda semana', 'No ano passado, no quartel, João hasteou a bandeira.'

<sup>13</sup> Neste trabalho, não entraremos no mérito de dizer quais das interpretações do imperfectivo são primitivas e nem como uma pode (ou não) derivar de outra. Aqui nos basta dizer que os imperfectivos podem ter as duas interpretações e mostrar, como logo adiante, que 'em X tempo' condiciona uma das leituras do imperfectivo.

<sup>14</sup> Trata-se de preferencialmente não referencial. Uma interpretação referencial é também possível: 'No ano passado, João lavava o carro, quando morreu'.

A sentença (8) é estranha se não permitirmos repetição, se se tratar de um único evento de lavar o carro: dado que na interpretação referencial de (8) o evento está em andamento, o acesso ao *telos* está vetado, e o adjunto não tem o que medir<sup>15</sup>. Porém, se tivermos uma leitura de repetição, a sentença é mais aceitável (i.e., João lavou o carro ontem mais de uma vez e, a cada vez, levou meia hora) – ela melhora se a interpretação for não referencial. Logo podemos concluir que ‘em X tempo’ influencia de fato na referencialidade das sentenças imperfectivas, impondo-lhes uma interpretação habitual ou genérica. A caracterização oferecida por Rothstein (2004) para esse adjunto não captura as interpretações que temos para os exemplos (1i)-(4i).

Por sua vez, segundo a autora, o adjunto ‘por X tempo’ combina-se exclusivamente com eventos atélicos e “[...] **for a time** changes an atelic VP to a telic one, while **in a time** leaves the telic VP telic” (ROTHSTEIN, 2004, p. 178). É interessante notar que, diferentemente de ‘em X tempo’, que apenas denota conjunto de eventos com uma certa duração, ‘por X tempo’ é tomado como um *aspect shifter*, pois torna atélicos em télicos. Rothstein (2004, p. 180) ferece a seguinte formulação:

(9) “[por 1 hora] =  $\lambda P \exists e [\tau(e) = 1 \text{ HORA} \wedge \forall i \subseteq \tau(e) \exists e' [P(e') \wedge e' \subseteq e \wedge \tau(e') = i]]$ ”

A glosa oferecida pela autora é: “[...] **so what for an hour** does is pick out sets of events which run for intervals of an hour, and which are in effect sums of events in some set P, with the constraint that each relevant part of that hour must be the running time of some event in P.” (ROTHSTEIN, 2004, p. 181). Essa caracterização claramente engloba a ideia de homogeneidade, pois fala de soma de eventos na extensão de P, conseqüentemente temos que ter mais de um evento na extensão de P. Se assim for, não podemos estar tratando de eventos atômicos, ou seja, de eventos télicos – essa é a razão, segundo Rothstein (2004), da impossibilidade de combinarmos ‘por X tempo’ com evento télicos.

Novamente, para os casos não marcados com # da tabela 2, (7p) e (8p), a caracterização oferecida a ‘por X tempo’ engendra as interpretações que temos; mais problemático contudo é a assunção de que tais interpretações são télicas. Se fosse, deveríamos esperar que o evento reportado em (7p), por exemplo, tenha todas as propriedades dos eventos télicos, como combinar-se com ‘em X tempo’. Porém, tais combinações são muitas vezes estranhas, como ‘João correu por 1 hora em 2 horas’: a interpretação dessa sentença é de que João correu por uma hora num intervalo de duas horas; se há um *telos* aqui ele é completar uma hora correndo, o que leva a crer que, em tal interpretação, ‘por 1 hora’ deixa de ser um

<sup>15</sup> A interpretação incoativa também está vetada, pois, por tratar-se de um evento que já se iniciou, que está em andamento, não há como medir quanto tempo levará para seu início, como pede a interpretação incoativa.

adjunto e passa a ser um complemento (por algum mecanismo) e o evento passa a ser ‘correr por 1 hora’ e não ‘correr’. A fórmula oferecida pela autora não captura essa mudança de categoria de ‘por X tempo’ de adjunto para complemento. Veremos adiante outros problemas colocados pela ideia de que ‘por X tempo’ transforma atélcos em télcos.

Sobre a impossibilidade de ‘por X tempo’ combinar-se com eventos télcos, a própria autora reconhece que há exceções (ROTHSTEIN, 2004, p. 24-25):

(10) “João leu o livro por 1 semana”.

Para Rothstein (2004), tal combinação é possível apenas quando estamos diante de eventos que têm algum grau de homogeneidade; para o caso de ler o livro, os eventos são todos mais ou menos iguais porque são eventos de ler parcialmente o livro. De uma forma ou de outra, sua definição de ‘por X tempo’ não captura essa interpretação, porque mesmo sendo “mais ou menos homogêneos” a soma de ler o livro parcialmente não é necessariamente ler o livro completamente. A solução proposta pela autora é considerar que ‘ler o livro’ em (10) é um evento atélco. Mas o que levaríamos a considerar que ‘ler o livro’ é um evento atélco? A sentença (10) sem o adjunto é claramente télca; logo, é a presença do adjunto ‘por X tempo’ que leva Rothstein (2004) a considerar ‘ler o livro’ atélco; devemos então imputar a ‘por X tempo’ a tarefa de mudar a classe acional do evento em questão, agora de télco para atélco (para poder justamente combinar-se com ‘por X tempo’). Mas há vários problemas nessa solução.

Em primeiro lugar, é muito complicado dizer quais eventos télcos são “mais ou menos homogêneos”. Para Rothstein (2004), a sentença (5p), ‘João construiu a casa por 1 ano’ é agramatical por não ser homogênea, mas esse não parece ser o caso no português brasileiro; (5p) é aceitável, assim como ‘João construiu a casa até acabar o dinheiro da poupança’ – e todas sugerem fortemente que (i) o evento não é mais o caso (que é a contribuição do perfectivo) e (ii) o *telos* não foi alcançado (i.e., a casa não está pronta). Em segundo lugar, a única maneira de tratarmos ‘ler o livro’ como atélco é devido à contribuição do adjunto; porém, Rothstein (2004) é bastante explícita ao afirmar que ‘por X tempo’, aplicado a eventos atélcos, transforma tais eventos em télcos. Ora, como é possível que um mesmo adjunto transforme eventos télcos em atélcos e atélcos em télcos? Críticas semelhantes podem ser feitas para o caso de (6p) (levando em conta as ressalvas da oitava nota de rodapé).

Passando às sentenças no imperfectivo, constatamos que não é possível capturar as interpretações que envolvem ponto de referência/focalização com a fórmula dada a ‘por X tempo’. Logo, as sentenças imperfectivas não têm uma explicação. Para o caso de ‘por X tempo’ é ainda mais problemático dizer que as

interpretações sugeridas são fruto do imperfectivo; como chegar a interpretação de ponto de focalização a partir da informação de que o evento ainda não cessou? Sem contar o fato de que os eventos (7i) e (8i) no imperfectivo, por estarem combinados com ‘por X tempo’, seriam, segundo Rothstein (2004), téticos.

Essa situação nos leva a desejar não apenas uma teoria dos adjuntos em questão, mas uma teoria que parta de intuições diferentes das que embasam a CHH, dado que a proposta de Rothstein (2004), um dos mais promissores desenvolvimentos da CHH, não consegue dar conta dos exemplos arrolados nas tabelas 1 e 2.

## Uma nova proposta para os adjuntos

A principal característica da proposta que faremos para os adjuntos em questão leva em conta não apenas a reificação do *telos*, mas dos pontos delimitadores dos eventos (final e inicial). Por essa reificação, basta entendermos que é possível falar (predicar) sobre esses pontos, além de falarmos diretamente sobre eles (‘o começo da leitura do livro’, ‘o fim da leitura do livro’). Uma reificação desse tipo também pode ser útil (senão necessária) para chegarmos a uma semântica adequada para verbos do tipo ‘começar’, ‘iniciar’, ‘acabar’, ‘terminar’ etc., que podem então ser entendidos como predicando sobre esses pontos.

Todos os eventos têm um ponto inicial; em nossa proposta, para eventos veiculados no passado (i.e., como tendo se iniciado antes do momento de fala), esse ponto inicial é o ponto *a quo* a que os adjuntos em questão se ancoram para dar início à medição do tempo denotado pela *measure phrase* que carregam, ‘X tempo’. Assim, se tomarmos as sentenças:

(11) João pintou o quadro em 20 minutos.

(12) João correu por 40 minutos.

O início da medição é o início do evento, ou seja, João levou 20 minutos para pintar o quadro a partir do momento em que ele começou a pintar o quadro, e João correu por 40 minutos a partir do momento em que ele começou a correr. Muitas vezes esses pontos não são dados explicitamente, mas é sempre possível recuperá-los contextualmente.

## Os adjuntos e o perfectivo

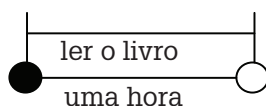
Propomos que o adjunto ‘em X tempo’ carrega uma pressuposição específica: ele pressupõe a presença de um *ponto final* relacionado ao evento a que se

aplica. Dessa forma, para o caso dos eventos télicos, o tempo denotado pela *measure phrase* de 'em X tempo' tem início no início de evento e se encerra necessariamente no alcance do *telos*. Caso não haja *telos*, algum tipo de acomodação de pressuposição entra em jogo, inserindo um ponto final. Podemos representar graficamente essa ideia como abaixo:



O círculo preenchido coincide com o início do evento, e o círculo não preenchido corresponde à pressuposição de um *telos*.

Para os casos mais simples, em que temos um evento télico e perfectivo, a satisfação dessa pressuposição ocorre naturalmente: tomemos um evento que apresenta *telos*, veiculado numa perspectiva perfectiva, que diz que o evento não é mais o caso, sendo assim, o que 'em X tempo' faz é dizer quanto tempo demorou para que o *telos* do evento télico fosse alcançado; o alcance do *telos* está garantido, não pelo perfectivo, mas porque esse deve ser o ponto final do intervalo denotado pelo adjunto: como propomos, 'em x tempo' exige, para sua felicidade, a existência de um *ponto final* que coincida com o final do intervalo que está sendo medido (a *measure phrase*). O esquema abaixo representa o evento reportado por 'João leu o livro em uma hora':



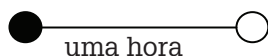
O evento de 'ler o livro' tem um ponto inicial e um final (o *telos*) representados pelas barras verticais; o início e o fim do evento coincidem com a *measure phrase* de 'em X tempo', cujo início é representado pelo círculo preenchido e o final pelo círculo não preenchido, salientando que ele pressupõe um *telos*.

Como dissemos, a interpretação incoativa relaciona-se com o tempo que um dado evento leva para começar. Se tomarmos eventos atélicos, eles não têm, por definição, um *telos* que possa satisfazer a pressuposição de 'em X tempo', mas têm apenas um ponto inicial. Como não há um ponto final e dado que o adjunto pressupõe a existência desse final, temos duas possibilidades com eventos atélicos: 1) o ponto final está dado contextualmente, então o evento de fato não é atélico, mas télico; 2) não há um ponto final dado contextualmente. No último caso, o único ponto no tempo disponível é o início do evento atélico. Logo, este será o *ponto final* a ser considerado pelo adjunto. Ora, na interpretação incoativa é justamente esse ponto inicial que é considerado como o final da mediação de

'em X tempo', por isso interpretamos que levou um certo tempo para o evento em questão *começar*, podemos também dizer que a interpretação incoativa é uma acomodação de pressuposição. Assim, na interpretação sugerida para 'João correu em 10 minutos', o que o adjunto 'em 10 minutos' mede é o tempo que transcorre para o início do evento, pois seu início é o único ponto ao qual o adjunto pode se aplicar, resultando então na leitura incoativa. Dado que o início do evento coincide com o final da *measure phrase* do adjunto, o ponto inicial da *measure phrase* é então alocado em algum momento anterior, mas sem especificação. Quando a especificação desse momento inicial é dada, a leitura incoativa é menos problemática (ver também a seção "Futuro e os adjuntos 'em X tempo' e 'por X tempo'", sobre o futuro):

(13) João chegou na academia e correu em 20 minutos.

Para (13), o ponto inicial para a medição feita por 'em X tempo' é dada pelo evento de João chegar na academia. Abaixo, representamos graficamente a interpretação incoativa de (13):



O evento de 'correr' tem apenas uma barra vertical, que representa o seu início.

Para 'por X tempo' propomos que seu papel seja o de introduzir um ponto de referência e/ou focalização associado ao evento ao qual o adjunto se aplica. Note-se, contudo, e isso é extremamente importante, que não se trata de um *telos*; diferentemente do que advoga Rothstein (2004), não *telicizamos* eventos ao aplicar a eles 'por X tempo', pela simples razão de que um *telos* é um ponto, por definição, não arbitrário, e o ponto introduzido por 'por X tempo' é (i) arbitrário, pois é dado pela medida de tempo contido em 'X tempo', que é variável, (ii) não indica a culminação de um evento, ou seja, eventos atéticos simplesmente não culminam, eles param ou deixam de ser o caso, ou simplesmente continuam.

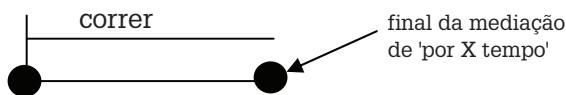
Se tomarmos um evento atético e perfectivo e combinarmos com ele 'por X tempo', o que temos é a introdução de um ponto de referência que indica um limite temporal a partir de um outro ponto que é pressuposto (o início do evento), isso resulta, entre outras coisas, no fato de que mediamos a duração de um evento, de uma corrida em (14) e (15), desde o seu início até o ponto inserido por 'por X tempo', e, o mais importante, é a partir desse ponto inserido que computamos o que ocorre na sequência:

(14) João correu por 10 minutos e resolveu parar.

(15) João correu por 10 minutos e aí / e então percebeu que não trouxera água.

Em (14), 10 minutos é o intervalo entre o início da corrida de João e o seu término, dado pela continuação discursiva. Em (15), o adjunto mede o tempo entre o início da corrida e o momento em que João percebeu que havia esquecido a água. Note que em (15), João pode ter continuado a correr depois de perceber que estava sem água; assim, o adjunto não introduz um ponto final ao evento. A ideia de ponto de focalização nesse caso tem a ver com o fato de que é a partir deste ponto que computamos o que acontece depois<sup>16</sup>.

Graficamente, podemos representar (14) e (15) como abaixo; nota-se que o adjunto é representado com dois círculos preenchidos, indicando que ele insere um ponto de focalização ao evento em que se aplica:

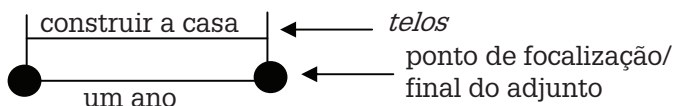


Como já mencionamos, a combinação com eventos télicos e perfectivos gera a interpretação de detelicização, ou seja, para uma sentença como:

(16) João construiu a casa por 1 ano,

a interpretação preferencial que temos é que João não construiu a casa toda, i.e., não acabou/terminou a construção da casa: estamos diante de um evento interrompido.

Graficamente, temos o seguinte:



Os passos para essa interpretação são um tanto quanto complexos, e remetemos o leitor interessado a Basso (2007a, 2007b) e Oliveira e Basso (2011) não obstante, uma rápida caracterização do que acontece aqui pode ser assim feita: (i) advogamos que a interpretação de alcance do *telos* é resultado de uma implicatura conversacional generalizada;<sup>17</sup> (ii) quando combinamos 'construir a

<sup>16</sup> Ele é, neste sentido, similar ao ponto R de Kamp e Rohrer (1983).

<sup>17</sup> Essa implicatura vale-se da Segunda Máxima de Quantidade de Grice – não fornecer mais informação do que o necessário. Essa máxima possibilita interpretações de estereótipo. Para o caso de um evento télico perfectivo, temos que o evento tem um fim (o seu *telos*) e que ele não é mais o caso (contribuição do perfectivo). Via a



casa' com 'por X tempo' o que temos é um “excesso” de pontos finais: o *telos* e o ponto de focalizaçã inserido pelo adjunto; (iii) se o falante quisesse comunicar que o *telos* foi alcançado, não associaria ao evento em questão um ponto de focalização arbitrário como aquele imposto por 'por X tempo', ou teria usado 'em X tempo'; (iv) se o falante associa 'por X tempo' a um evento télico é porque o *telos* – que já está automaticamente associado ao evento – não deve ser considerado, mas sim o ponto de focalização do adjunto; (v) logo, o *telos* não foi alcançado e o evento transcorreu até o ponto de focalização imposto pelo adjunto.<sup>18</sup> Como resultado, temos um evento interrompido (i.e., cujo *telos* não foi alcançado).

### **Imperfectivos e os adjuntos 'em X tempo' e 'por X tempo'**

Diferentemente do que temos para o perfectivo, quando combinamos 'em X tempo' com eventos télicos e imperfectivos nossa interpretação é preferencialmente não referencial. Eventos imperfectivos devem ser ancorados num dado contexto para podermos resolver sobre sua referencialidade; uma sentença como:

(17) João lavava o carro

pode tanto ser interpretada referencialmente ('João lavava o carro, ontem, às 15h') quanto não referencialmente ('João lavava o carro, no ano passado'). Uma sentença télica e imperfectiva, contudo, ao ser combinada com 'em X tempo' parece poder receber apenas a interpretação não referencial; retomando, com uma ligeira modificação, um exemplo dado acima, temos:

(18) ? Ontem, quando eu o vi, João estava dando a volta no quarteirão em 10 minutos.

Levando em consideração a ideia de que 'em X tempo' pressupõe um ponto final, há algumas maneiras de entendermos o que acontece aqui. Uma delas seria a seguinte: um evento télico, perfectivo ou imperfectivo, tem um *telos*; veiculado no imperfectivo, o acesso ao *telos*, i.e., que o *telos* foi alcançado, é vetado (pois o evento é tomado como ainda em curso); não obstante, 'em X tempo' tem como pressuposição a presença do *telos*. Numa situação como essa, 'em X tempo', como nos outros casos de evento télico, aplica-se ao *telos* e diz quanto tempo leva para o

---

Segunda Máxima da Quantidade, interpretamos que o evento não é mais o caso porque ele alcançou seu *telos*, que é um ponto natural de parada.

<sup>18</sup> A interpretação de detelicização, como dissemos, também é uma implicatura, e pode ser cancelada. Um exemplo de cancelamento é a sentença 'João leu o livro por uma semana e conseguiu terminar'. O trecho 'João leu o livro' implica que ele leu o livro até o fim; o trecho 'João leu o livro por uma semana' implica que ele leu por uma semana e que o *telos* não foi atingido; por fim, 'João leu o livro por uma semana e conseguiu terminar' diz que o ponto de focalização de 'por X tempo' coincide com o *telos* e cancela a implicatura de detelicização.

seu alcance. Como sabemos, o imperfectivo não tem apenas a leitura progressiva, mas também a leitura genérica. Ora, a leitura progressiva está bloqueada, já que ela é inconsistente com o uso do adjunto. Se ‘em X tempo’ predica do *telos*, mas na leitura progressiva do imperfectivo o *telos* não é alcançado, então o que resta é uma interpretação não referencial, ou seja, não descrevemos um evento télico, mas a repetição de eventos télicos. Essa caracterização ainda é superficial, mas com ela conseguimos chegar à interpretação que temos das sentenças (1i) a (4i) da tabela 1.

A escolha entre uma leitura referencial e não referencial é resolvida também no uso de ‘por X tempo’, que engendrará sempre uma leitura referencial: ora, como falar de ponto de focalização sem se tratar de uma leitura referencial de um evento? Se de fato ‘por X tempo’ insere um ponto de referência / focalização, espera-se que qualquer estranhamento causado pelas sentenças (5i) a (8i) resulte do fato de que elas apresentam um ponto de focalização sobre o qual nada se fala, ele é ocioso. Assim, espera-se que ao falarmos sobre este ponto as sentenças “melhorem”; parece ser justamente isso que acontece ao compararmos (5i)-(8i)<sup>19</sup> com (5i’)-(8i’) abaixo:<sup>20</sup>

(5i’) João (já) estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos, quando percebeu que esquecera a chave.

(6i’) João (já) estava ganhando a corrida por 35 minutos, mas o carro quebrou.

(7i’) João (já) estava correndo por 1 hora, quando começou a sentir dores na coxa.

(8i’) João (já) estava tendo dor de cabeça por 10 minutos, e então decidiu tomar um remédio.

## **Futuro e os adjuntos ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’**

Um resultado interessante de considerar que ‘em X tempo’ pressupõe um *telos* (associado ao evento a que se aplica) e ‘por X tempo’ introduz um ponto de referência (associado ao evento a que se aplica) é a interpretação dos tempos futuros, que são, via de regra, negligenciados pela literatura. Tomemos uma sentença como:

(19) João vai construir a casa em 1 ano.

---

<sup>19</sup> Que são: (5i) João estava dando a volta no quarteirão por 10 minutos; (6i) João estava ganhando a corrida por 35 minutos; (7i) João estava correndo por 1 hora; (8i) João estava tendo dor de cabeça por 10 minutos.

<sup>20</sup> A presença de elementos como ‘já’ e ‘então’ parece ser mais uma evidência a favor de que, muitas vezes, ao interpretarmos sentenças como as que apresentamos aqui, estamos diante de um “jogo” de pontos de referência e focalização, mobilizados para pormenorizar as referências temporais dos eventos em questão e suas relações.

Essa sentença tem pelo menos duas interpretações: (i) dentro de um ano João vai ter acabado de construir a casa, ou (ii) João vai começar a construir a casa dentro de um ano. Se ‘em X tempo’ toma para preencher sua pressuposição o início do evento, temos a interpretação incoativa (ii), se ele toma o *telos* do evento temos uma interpretação télica (i). Por que encontramos essa ambiguidade no futuro, mas não no passado? Vale notar que a ambiguidade só aparece quando há o adjunto, afinal a sentença ‘João vai construir a casa’ não a apresenta.

Uma possível resposta pode ser dada nas seguintes linhas: o evento representado no passado já tem instaurado o seu ponto inicial, e, portanto, ele é naturalmente tomado como ponto de partida para o cômputo de ‘X tempo’; assim, para uma sentença como:

(20) João pintou o quadro em 2 duas horas.

O início da medição de duas horas é o início do evento. A sentença (20) não tem uma interpretação como: João levou duas horas para pintar o quadro a partir do momento de fala de (20). No futuro, contudo, o ponto inicial não foi ainda instaurado, e pode-se então considerar um outro ponto para a aplicação da *measure phrase*, que é o momento de fala (ponto *a quo* para o cálculo da referência temporal).

Esse raciocínio sobre o futuro relaciona-se diretamente com o problema colocado pela interpretação incoativa: ela é “trabalhosa” justamente porque temos que interpretar, para dar conta do adjunto, como sendo futuro (no sentido do início do evento) um evento veiculado com o pretérito perfeito, que indicaria canonicamente que o evento já começou. Assim, para a interpretação incoativa sugerida, com uma sentença como ‘João correu em 20 minutos’, temos que, de algum modo, encontrar um ponto de ancoragem para o início da mediação de ‘20 minutos’ que não pode ser o momento de fala, justamente porque o evento é anterior a ele. Quando esse ponto é dado contextualmente, a sentença é plenamente aceitável: ‘Depois que chegou na academia, João nadou em 20 minutos’ (entre a chegada do João na academia e ele começar a nada, transcorreram-se 20 minutos).

A interação de ‘por X tempo’ com o futuro também resulta em interpretações previsíveis pela semântica que sugerimos a ele. Tomemos as sentenças:

(21) João vai correr por 20 minutos.

(22) João vai construir a casa por 1 ano.

Tanto em (21) quanto em (22) temos a leitura de tempo de duração e de ponto de focalização. Podemos continuar (21) como:

(21') João vai correr por 20 minutos e descansar.

Para (21'), interpretamos que é depois de 20 minutos de corrida que João vai descansar; para (22), temos uma leitura que não garante o alcance do *telos*, dada pelo futuro, mas que, por implicatura, diz que ele não foi atingido, pelos motivos que trouxemos para discutir a sentença (16) acima.

Resta dizer que nossas considerações sobre o futuro são confessadamente superficiais, mas é interessante notar que quase nunca, quando se trata de falar dos adjuntos com que trabalhamos aqui, o tempo futuro é lembrado. Se conseguirmos com a análise aqui sugerida dar conta também de nossas interpretações para o tempo futuro, isso será um grande ganho e mostra um efeito interessante da proposta que ora adiantamos.

## Conclusão

Este artigo buscou apresentar, ainda sem uma formalização explícita, uma semântica para os adjuntos 'em' e 'por X tempo'. Diferentemente do que encontramos na literatura, que, de uma maneira ou de outra são instanciações da CHH, na análise aqui proposta esses adjuntos não são selecionadores de eventos de um certo tipo, antes eles funcionam de um modo totalmente diferente. Eles atuam na interpretação dos pontos delimitadores de um evento, modificando-os de forma a torná-los compatíveis com o adjunto, ou seja, os adjuntos em questão manipulam pontos iniciais e finais que circundam os eventos. A combinação entre eventos e adjuntos exige que levemos em consideração informações sobre pontos temporais advindas de três fontes: o próprio evento (sua acionalidade), o aspecto (perfectivo e imperfectivo) e os pontos dados e pressupostos pelos adjuntos. Assim, aplicar 'por X tempo' a um evento télico perfectivo sugere sua detelicização porque o adjunto insere um ponto de focalização que não necessariamente coincide com o *telos*; afinal, o ponto introduzido pelo adjunto é arbitrário, enquanto que o *telos* não. O adjunto introduz, então, um ponto arbitrário a partir do início do evento; o que leva à conclusão de que o evento não terminou (i.e., alcançou seu *telos*). Podemos dizer o mesmo sobre 'em X tempo': ele atua sobre os pontos de tempo dados pelo evento na sua combinação com o aspecto. Esse adjunto pressupõe um ponto final associado ao intervalo de tempo denota; sua combinação com um evento atélico perfectivo impõe que o ponto inicial do evento seja considerado como o final de sua mediação, simplesmente porque este é o único ponto disponível associado a eventos atélicos. Dessa forma, chegamos à leitura incoativa.

O imperfectivo coloca questões que vão além deste artigo. Combinar 'em X tempo' com um evento de qualquer classe acional no imperfectivo, gera necessariamente uma interpretação genérica. Buscamos mostrar por que temos

esse resultado: como o adjunto pressupõe um ponto final que coincida com o final de sua *measure phrase* e como o imperfectivo no progressivo (leitura referencial) veicula que o *telos* e não foi alcançado, a única saída é tomar a sentença como sendo sobre uma generalização ou hábito e o adjunto atua sobre as instanciações (um raciocínio semelhante vale para os eventos atélivos). A semântica proposta para o adjunto 'por X tempo' explica sua ocorrência com o imperfectivo: o adjunto coloca um ponto de referência / focalização no transcórre do evento.

A proposta aqui apresentada é mais interessante que as derivações da CHH, porque ela permite explicar os vários contextos em que esses adjuntos aparecem, muitos deles simplesmente negligenciados pela literatura, sem apelar para *type shifting* ou *aspect shifting*. Além disso, a CHH, considerando a proposta de Rothstein, gera, para alguns dos exemplos, predições incorretas. Por fim, mostramos, ainda que rapidamente, que a proposta apresentada pode ser estendida para o futuro e sem manobras ulteriores dá conta das interpretações relevantes.

BASSO, R. M. A proposal for the semantics of 'em X tempo' ('in X time') and 'por X tempo' ('for X time'). *Alfa*, Araraquara, v.55, n.1, p.113-134, 2011.

- **ABSTRACT:** *In this paper, we propose a semantic interpretation for the temporal adjuncts 'em X tempo' (in X time) and 'por X tempo' (for X time) which doesn't treat them as event selectors, but as acting in the event boundary points (event ending and starting points). Before we present our proposal, we show the relevant examples that a theory of these adjuncts should deal with. We then analyze the most popular approach concerning these adjuncts, which we call the homo-hetogeneous conception, and show that it cannot deal with all the relevant examples because it treats these adjuncts as event selectors and leads us to erroneous predictions. In the next section, we present our proposal according to which the adjunct 'em X tempo' presupposes the existence of a telos attached to the event to which it is applied, and the adjunct 'por X tempo' introduces a focalization point to the event it is applied. Our proposal can deal with all the relevant examples and can be effortlessly extended to deal with future tenses.*
- **KEYWORDS:** *Telicit. Detelicitization. Verbal aspect. Acionality. Temporal adjuncts.*

## REFERÊNCIAS

BASSO, R. M. *Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual*. 2007. 313f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Telicidade e detelicização*. *Revista Letras*, Curitiba, n.72, p.215-232, 2007b.

DAVIDSON, D. The logical form of action sentences. In: \_\_\_\_\_. *D. Essays on actions and events*. Oxford: Clarendon Press, 1980. p.105-121.

DE SWART, H. Aspect shift and coercion. *Natural Language and Linguistic Theory*, Dordrecht, v.16, p.347-385, 1998.

DOWTY, D. *Word meaning and montague grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1979.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Ed.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975. v.3. p.41-58.

LEVINSON, S. *Presumptive meanings*. Cambridge: MIT, 2000.

KAMP, H.; ROHRER, C. Tense in texts. In: BÄUERLE, R.; SCHWARZE, C.; VON STECHOW, A. (Ed.). *Meaning, use, and interpretation of language*. Berlin: Walter de Gruyter, 1983. p.250-269.

KLEIN, W. *Time in language*. London: Routledge, 1994.

KRIFKA, M. The origins of telicity. In: ROTHSTEIN, S. (Org.). *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998. p.197-235.

PARSONS, T. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge: MIT, 1990.

OLIVEIRA, R.; BASSO, R. M. *O paradoxo do perfectivo*. uma proposta semântico/pragmática. Florianópolis (2011). No prelo.

ROTHSTEIN, S. *Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

\_\_\_\_\_. *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1998.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press, 1967.

VERKUIL, H. J. *A theory of aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Aspectual classes and aspectual composition. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, n.12, p.39-94, 1982.

\_\_\_\_\_. *On the compositional nature of aspects*. Dordrecht: Reidel, 1972.

ZUCCHI, S. Aspect shift. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.). *Events and grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1998. p.349-370.

Recebido em abril de 2010.

Aprovado em outubro de 2010.